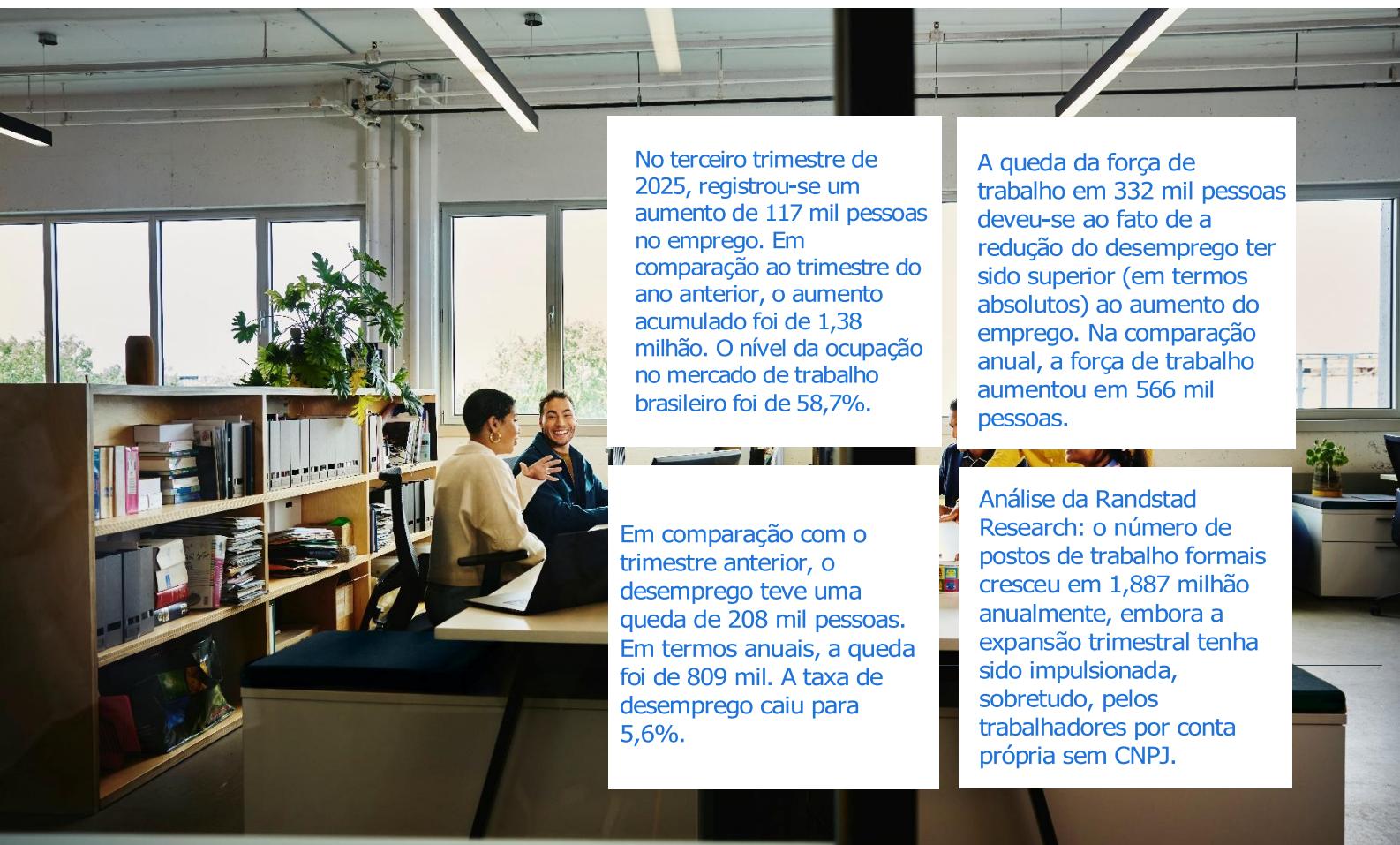


No 3º trimestre, a taxa de desemprego continuou atingindo o menor nível histórico, ficando em 5,6%.

análise dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE.

3º trimestre de 2025



No 3º trimestre, a taxa de desemprego continuou atingindo um mínimo histórico, ficando em 5,6%.

O terceiro trimestre de 2025 manteve a tendência positiva do mercado de trabalho brasileiro. Os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do IBGE no 3º trimestre de 2025 caracterizam-se por um aumento no número de ocupados (117 mil pessoas, ou +0,1%) em relação ao trimestre anterior. Assim, a ocupação (emprego) passou para 102,43 milhões de profissionais. Por sua vez, o desemprego (desocupação) registrou uma queda trimestral de 208 mil pessoas (-3,3%). Dessa forma, a taxa de desemprego caiu no último trimestre em 0,2 p.p. e em 0,8 p.p. no último ano, alcançando seu menor valor histórico, de 5,6%, para a série histórica iniciada em 2012.

Dessa forma, a queda trimestral de 91 mil pessoas (-0,1%) na força de trabalho deveu-se ao fato de a redução da população desocupada ter sido superior ao aumento da população ocupada, em termos absolutos. Com isso, a força de trabalho foi de 108,48 milhões de pessoas. Essa evolução refletiu-se na taxa de participação na força de trabalho, que teve uma queda de 0,2 p.p. no terceiro trimestre e de 0,1 p.p. em relação ao período correspondente, situando-se em 62,2%.

Em comparação ao ano anterior, o emprego (ocupação) teve um aumento de 1,38 milhão de profissionais (+1,4%). Em relação à evolução anual da força de trabalho, o aumento de 566 mil pessoas deveu-se ao fato de o acréscimo da população ocupada superar, em termos absolutos, a redução da população desocupada (-809 mil pessoas, ou -11,8%), face ao mesmo trimestre do ano anterior, totalizando-se em 6 milhões as pessoas desempregadas.

O aumento do emprego registrou-se em quase todas as categorias de ocupação, com destaque para o setor privado e para os trabalhadores por conta própria.

O aumento da ocupação no 3º trimestre do ano ocorreu em quase todas as categorias de ocupação. Entre os empregados por conta de outrem ou assalariados (69,4% do total dos ocupados), houve uma queda de 16 mil profissionais. Do total de assalariados, 52,73 milhões trabalham no setor privado (aumento trimestral de 169 mil pessoas) e 12,85 milhões no setor público (aumento trimestral de 8 mil pessoas). A queda no grupo dos assalariados deveu-se à redução nos trabalhadores domésticos, que foi de 193 mil profissionais. Esta categoria totalizou 5,51 milhões de trabalhadores.

O grupo dos empregadores (4,1% do total de ocupados) teve uma queda trimestral de 2 mil pessoas, mas os que trabalham por conta própria (25,3% do total de ocupados) tiveram um aumento de 112 mil pessoas. A categoria de trabalhador familiar auxiliar teve um aumento de 24 mil pessoas no último trimestre, totalizando 1,24 milhão de pessoas.

Em relação aos contratos, o terceiro trimestre do ano foi caracterizado por um aumento nos contratos temporários (+357 mil contratos) e por uma queda nos contratos por tempo indeterminado (-180 mil contratos). Em comparação ao ano anterior, a tendência foi diferente: houve aumento de 645 mil nos contratos indeterminados e de 125 mil em contratos temporários. A taxa de trabalho temporário teve um aumento de 0,5 p.p. e atingiu 12,4% neste trimestre.

Apesar do aumento geral do emprego, o comércio e reparação de veículos sofreu uma queda de 274 mil profissionais.

Segundo a análise setorial, neste trimestre, apesar do aumento do emprego, algumas atividades econômicas tiveram queda. As maiores quedas do emprego ocorreram no comércio e reparação de veículos (-274 mil pessoas), nos serviços domésticos (-165 mil pessoas) e em outros serviços (-137 mil pessoas). Por sua vez, houve aumentos na agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (+260 mil pessoas), na construção (+249 mil pessoas) e na administração pública, defesa, segurança social, educação, saúde humana e serviços sociais (+210 mil pessoas).

No comparativo anual, o emprego teve queda apenas nos serviços domésticos (-301 mil empregos) e

em outros serviços (-116 mil empregos). Os maiores aumentos do emprego no último ano foram registrados também na administração pública (+724 mil empregos); no transporte, armazenagem e correio (+372 mil empregos) e nas atividades de informação, comunicação, financeiras, imobiliárias e administração (+251 mil empregos).

A taxa de desemprego caiu, tanto em termos anuais como em relação ao trimestre anterior, sendo de 5,6% no terceiro trimestre do ano.

O desemprego teve uma queda de 208 mil pessoas no 3º trimestre do ano (-3,3%) e, em relação ao mesmo período do ano anterior, a queda foi de 809 mil pessoas (-11,8%). Dessa forma, a taxa de desemprego caiu para 5,6%. A diferença entre a taxa das mulheres (6,9%) e a dos homens (4,5%) foi de 2,4 p.p.

A maior queda do desemprego no 3º trimestre do ano foi observada principalmente entre as pessoas de 40 a 59 anos, aquelas com ensino médio completo e os residentes do Sudeste.

No último trimestre do ano, quase todos os grupos etários tiveram queda no desemprego. A maior redução foi observada entre as pessoas de 40 a 59 anos, totalizando 146 mil pessoas. A seguir, o grupo das pessoas de 25 a 39 anos registrou uma queda de 103 mil desempregados. Por sua vez, a taxa de desemprego mais alta continua sendo a do grupo mais jovem, de 14 a 17 anos, que é de 21,2%, ou seja, quatro vezes superior à taxa média do país.

Por nível de instrução, também houve queda do desemprego em quase todos os grupos, principalmente no dos que completaram o ensino médio (com 152 mil desempregados a menos). Segue-se o grupo com ensino fundamental incompleto (com 45 mil desempregados a menos) e o grupo com ensino superior completo (com 53 mil desempregados a menos). Este é o grupo com a menor taxa de desemprego, sendo de 3% no 3º trimestre.

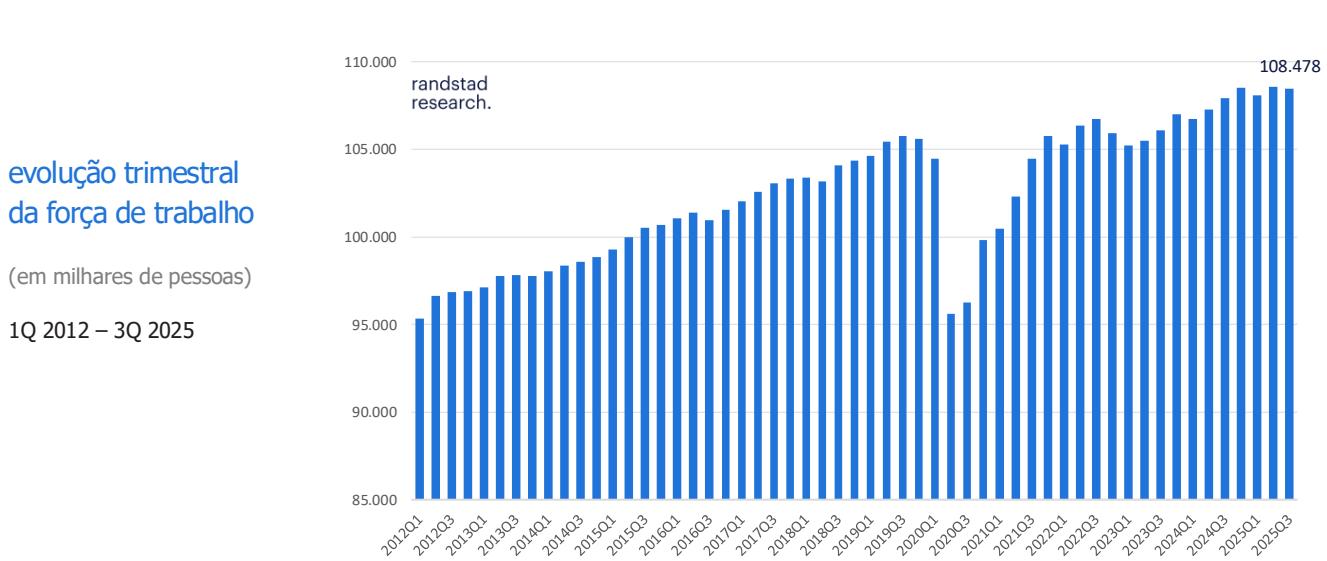
Por último, todas as regiões tiveram queda no desemprego no último trimestre. A maior redução foi observada no Nordeste (com menos 86 mil desempregados), seguido do Sudeste (com menos 50 mil desempregados). Apesar disso, a região com a maior taxa de desemprego é o Nordeste, com 7,8%, seguida do Norte, com 6,2%.

Análise da Randstad Research: o número de postos de trabalho formais cresceu em 1,887 milhão anualmente, embora a expansão trimestral tenha sido impulsionada, sobretudo, pelos trabalhadores por conta própria sem CNPJ.

O terceiro trimestre de 2025 consolidou-se positivo para o emprego no Brasil, com a taxa de desocupação caindo para 5,6%, a menor da série histórica iniciada em 2012. A população ocupada totalizou 102,43 milhões de pessoas. A característica mais marcante do período foi a forte formalização: o número de postos de trabalho formais cresceu em 1,887 milhão anualmente, um crescimento quase quatro vezes maior que a queda no total de postos informais, que recuou em 492 mil. Como resultado, a taxa de informalidade no país recuou para 37,8%, estabelecendo o seu menor nível fora do período de intervenções mais agudas da pandemia.

O setor privado com carteira assinada foi o principal motor, adicionando mais de 1 milhão de novos empregos no acumulado do ano (+1.039,0 mil), impulsionando a taxa de informalidade para 37,8%, o menor nível fora da pandemia. Em paralelo, o segmento de trabalhadores por conta própria manteve um bom dinamismo, sendo a categoria que mais contribuiu para o crescimento da população ocupada no ano (+1.029 mil). Com 25,9 milhões de profissionais, essa expansão trimestral foi impulsionada, sobretudo, pelos trabalhadores sem CNPJ, refletindo a busca por novas formas de geração de renda e autonomia. O setor público também contribuiu positivamente, adicionando 299 mil empregos na comparação anual.

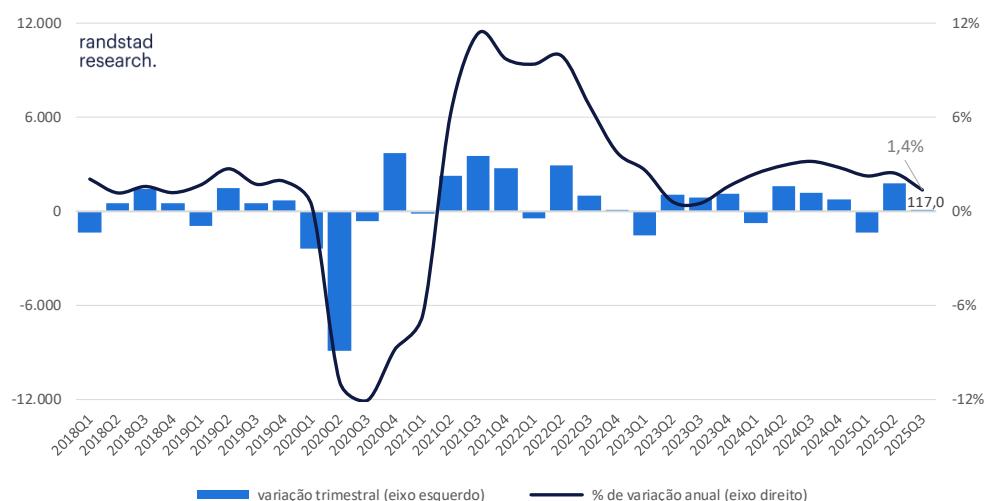
Apesar dos indicadores agregados positivos, o mercado continua a se reestruturar em detrimento de categorias mais vulneráveis. O número de empregados no setor privado sem carteira recuou em 569 mil pessoas anualmente, refletindo o movimento de formalização. Mais acentuada foi a perda de postos no trabalho doméstico, que registrou a maior queda anual entre todos os grupamentos (-330 mil), com o declínio concentrado nos trabalhadores sem carteira (-303 mil). Essa contração, junto à queda do trabalhador familiar auxiliar (-101 mil anual), sinaliza que as perdas de postos de menor qualificação e formalidade persistem como um desafio estrutural do mercado.



**variação trimestral
absoluta da
população ocupada**

(em milhares e variação
anual em %)

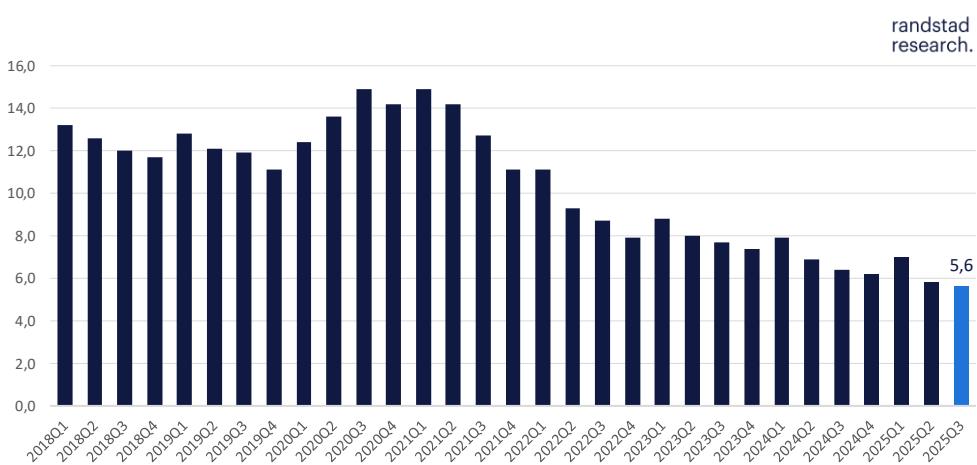
1Q 2018 – 3Q 2025



**evolução da taxa
de desemprego**

(em %)

1Q 2018 – 3Q 2025



Informação de contato da Randstad Research Brasil

Randstad Research

researchbr@randstad.com.br

Sobre a Randstad Research Brasil

A Randstad Research Brasil é o centro de estudos e análises do Grupo Randstad no Brasil, que nasceu com a clara missão de enquadrar o estudo do emprego na economia e o seu impacto nas empresas.

Este serviço de estudos de livre acesso serve para colocar à disposição de toda a sociedade informações objetivas e confiáveis sobre o mercado de trabalho e os recursos humanos. A Randstad Research combina o conhecimento da realidade laboral, tanto brasileira como internacional, com rigor científico e metodologias comprovadas.

Mais informações em: <https://www.randstad.com.br/randstad-research/>